

ANÁLISE DO DISCURSO FOTOGRÁFICO PRESENTE NAS MÍDIAS DIGITAIS

Luiza NOBRE¹
Paulo Vitor Giraldo PIRES³
Universidade Federal do Amapá, UNIFAP

RESUMO

Este texto tem como objetivo a reflexão a respeito do discurso fotográfico nos meios de comunicação, a ética no exercício do fotojornalismo e utilização da imagem na disseminação de determinada causa social. A análise do discurso será contextualizada na fotografia feita do estudante Mateus Ferreira da Silva, agredido por um policial militar na manifestação grevista realizada na cidade de Goiânia, no dia 28 de Abril de 2017, e a repercussão da imagem com o foco voltado para a vítima, sendo omitida a identidade do agressor.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso visual; fotografia; mídias digitais, ética.

INTRODUÇÃO

A inserção da fotografia nos processos de produção de difusão de informações cria uma interface sem a qual a acessibilidade da comunicação não se efetiva. Tendo em vista que a leitura visual é mais fácil e exige menos esforço e conhecimento prévio do receptor da mensagem.

Isso se dá pela instantaneidade do discurso midiático no ciclo informativo do indivíduo, que cada vez mais, almeja por um conteúdo dinâmico e rápida assimilação, diferentemente da ofertada pela imprensa tradicional.

A exposição maciça do leitor a diferentes tipos de informação, simultaneamente, exige do jornalista um diferencial na apresentação da notícia. A possibilidade da imagem de conectar-se aos mais variados tipos de narrativa torna-a não só uma alternativa para a apresentação de um conteúdo atrativo; mas o discurso por si, como as narrativas fotográficas de eventos sociais.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Uma imagem, por si só, é capaz de produzir tanta informação quanto um texto jornalístico. Em um processo de construção de fotografias que se adequem as produções midiáticas eletrônicas, como elemento que constitui a mensagem. Nesse sentido, a fotografia documental ganha espaço na cobertura de fatos sociais.

As imagens fotográficas do episódio que circulam na mídia do país desde o dia 28 de abril além de trazerem visibilidade à movimentação nacional de paralização, produzem efeitos que vão de encontro com segmentos da sociedade, e intensifica a discussão entre os agentes desse fato.

Especificamente por estar inserida num contexto político, foi atribuída à fotografia um valor ideológico na sua difusão. O registro feito pelo fotógrafo Luiz da Luz, no dia 28 de Abril de 2017, na paralização da greve geral que acontecia no centro da cidade de Goiânia. A imagem documenta visualmente o momento exato em que o paulista Mateus Ferreira da Silva, de 33 anos, é agredido por um policial militar, causando um traumatismo craniencefálico (TCE) e múltiplas fraturas no estudante de Ciências Sociais da UFG (Universidade Federal De Goiás).

Contudo, a utilização de recursos de edição com o corte feito na imagem original, levanta a discussão sobre o compromisso ético do jornalismo e a manipulação do discurso visual apresentado ao público.

A imagem foi veiculada maciçamente dentro e fora do estado de Goiás, atingindo repercussão nacional. Dentre os veículos analisados, estão os jornais “O Popular” em nível de estado; e “Folha de São Paulo” em nível de Brasil.

1 Fotografia e o discurso

Fotografia é o registro de momentos que transcendem a oralidade e a escrita, captando a subjetividade do instante. Mesmo pertencendo ao campo da linguagem não verbal, a fotografia é capaz de transmitir mensagens de forma independente, ou com o auxílio de legendas que a contextualizam.

Ao mesmo tempo em que informa, a fotografia registra diferentes realidades, sendo um recorte do cotidiano feito a partir do olhar pessoal pelo do fotógrafo, pelo exercício de síntese de um fato ou mesmo, pela orientação de pauta do fotojornalista. Além do mais, a interpretação da informação fotográfica se completa no contato com cada

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luiznobrejornal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

receptor, que recebe a imagem com uma perspectiva particular, possibilitando diferentes leituras de um dado recorte.

Fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. É envolver-se numa certa relação com o mundo que se assemelha com o conhecimento – e por conseguinte com o poder. [...] A imprensa, porém, parece ser uma forma menos traiçoeira de filtrar e transformar o mundo num objeto mental do que a imagem fotográfica, que hoje me dia nos transmite a maior parte das informações de que dispomos sobre o que foi o passado e sobre o que é o presente. (SONTAG, 1981, p. 4)

Essa adesão à imagem como conteúdo informativo plenifica o alcance da informação jornalística, pela facilidade com que se realiza a leitura da mensagem visual. O papel do repórter fotográfico é, em muitos casos, não é somente a representação do fato, mas uma fotografia que traduza

Mesmo que o contexto leve ao entendimento da fotografia como um documento da realidade, a subjetividade do autor antecede o registro, captando também a forma como ele ver o mundo. Podendo ser a perspectiva do autor, de certa forma, uma ferramenta de manipulação.

Essa concepção técnica da produção fotográfica garante a credibilidade e a importância dada à fotografia documental anexada às notícias. Diferentemente dos retratos artísticos e casuais, carrega discursos presentes no contexto social em que elas estão inseridas, como as fotografias factuais e de guerra. A manipulação, então, seria uma alteração do fato, quando compromete a fidelidade e o sentido da mensagem.

Ao decidir como deverá ser uma fotografia e preferir determinado grude exposição em vez de outro, o fotógrafo passa a impor a seus temas constantes padrões. Embora num certo sentido a câmara efetivamente capte a realidade e faça ais do que apenas interpretá-la, a fotografia constitui uma interpretação do mundo, da mesma maneira que a - pintura ou o desenho. (SONTAG, 1981, p.7)

A busca pelo diferencial na captação de uma imagem é também a oportunidade que o autor encontra para explorar seu ponto de vista sobre a situação. O foto ativismo, por exemplo, é uma modalidade que alinha a fotografia a pensamentos ideológicos. De fato, a fotografia, como linguagem, estabelece um discurso na sua subjetividade, sendo esse particular ou de um grupo social.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

2 O fotojornalismo e as mídias digitais

A atual produção fotojornalística está inserida em um contexto de revolução visual, onde o receptor é exposto a diferentes tipos de informação simultaneamente; exigindo maior esforço dos profissionais para que a ele tenha o alcance esperado. Há também, a necessidade da apresentação de um conteúdo já “mastigado”, pelo dinamismo da leitura. E assim, a fotografia ganha destaque, não somente nas chamadas das notícias, mas na informação compactada em uma figura.

As características que distinguem a fotografia das demais imagens técnicas se revelam ao considerarmos como são distribuídas. As fotografias são superfícies imóveis e mudas que esperam, pacientemente, serem distribuídas pelo processo de multiplicação ao infinito. São folhas. Podem passar de mão em mão, não precisam de aparelhos técnicos para serem distribuídas. Podem ser guardadas em gavetas, não existem memórias sofisticadas para seu armazenamento. No entanto, antes de considerarmos sua característica de *folha de papel*, refletiremos por pouco que seja, sobre o problema da distribuição da informação. (FLUSSER, 1985, p.26)

A popularização das máquinas fotográficas e dos smartphones garantem, superficialmente, que todos tenham aparatos e autonomia para exercerem a fotografia. Isto é, registrar tudo o que considera relevante sem a necessidade da mão de obra de um profissional. Concomitantemente, o trabalho do fotojornalista é ameaçado por essa prática social, onde todos conseguem fazer uma boa foto de seus celulares, e veiculá-las rapidamente, comprometendo assim, a exclusividade do jornalista.

Esse fenômeno é denominado como “jornalismo-cidadão”, onde a população contribui no compartilhamento de notícias em segmentos informais, como o Twitter, Facebook e o Instagram. A necessidade de “dar um furo” já não é exclusividade do jornalista, mas

sim, de todos que estão inseridos na realidade virtual. É recorrente a participação do cidadão comum na imprensa, por questões de mobilidade, mas também, trata-se de uma participação que necessita de mediação. Mesmo que o conhecimento técnico da produção de conteúdo seja uma particularidade dos profissionais de jornalismo, a busca por informação em meios informais é uma alternativa para o leitor dinâmico, que tem pressa de ser interar no assunto.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Banalizada ou não, fotografar tornou-se uma atividade tão espontânea quanto o diálogo falado. Compartilhar uma foto, muitas vezes, e a reafirmação do discurso, dentro das redes sociais. A exposição excessiva da imagem, não só do usuário das redes, mas de todos os conteúdos imagéticos que ocupam o mundo virtual, transparece a vulnerabilidade do homem contemporâneo, que tem dificuldades na dissociação do real e fictício. O que Guy Debord classifica como “Sociedade do Espetáculo”.

“O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.” (DEBORD, 2003, p.9)

O chamado “novo jornalismo” surge com a substituição dos veículos tradicionais de mídia, como o jornal impresso, por meios mais dinâmicos e ágeis. A internet permite um alcance em nível global, mas desconstrói paradigmas quanto a estruturação do texto e a exposição da manchete. Pela acirrada disputa por visibilidade, as matérias das plataformas digitais se apresentam de maneira desmembrada, linkando a notícia a vários outros tópicos que fazem parte da mesma temática, buscando a atenção do leitor em um intervalo de tempo maior. A exploração da imagem como elemento principal da notícia, principalmente em notas jornalísticas, facilita a assimilação instantânea da informação, mas também dá abertura à múltiplas interpretações dos receptores.

Como suporte comunicacional, essas plataformas aproximam os leitores da notícia e de quem é responsável pela sua apresentação: as redações de jornais e seus profissionais. Esse estreitamento permite uma interação que facilita a abertura do canal por onde percorre a informação, e atribui credibilidade ao jornalista.

Essa mídia alternativa ampara muitos dos atuais movimentos sociais, que desenvolvem-se primeiramente na internet, para depois integrar os espaços físicos da sociedade. Mais ainda, vai de encontro ao agendamento de notícias pautadas pela mídia tradicionalista.

3 A Ética e o jornalismo

No conceito amplo, que os críticos chamam de neutro, jornalismo é atividade de natureza técnica caracterizada por compromisso ético peculiar. O jornalista deve saber selecionar o que interessa e é útil

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

ao público (o seu público, o público-alvo); buscar a associação entre essas duas qualidades, dando à informação veiculada a forma mais atraente possível; ser verdadeiro quanto aos fatos (verdade, aí, é a adequação perfeita do enunciado aos fatos, *adaequatio intellectus ad rem*) e fiel quanto às ideias de outrem que transmite ou interpreta; admitir a pluralidade de versões para o mesmo conjunto de fatos, o que é um breve contra a intolerância; e manter compromissos éticos com relação a prejuízos causados a pessoas, coletividades e instituições por informação errada ou inadequada a circunstâncias sensíveis. (LAGE, 2014, p.21)

A prática jornalística, assim como todas as práticas de trabalho, possui um conjunto de normas que regem o exercício da profissão. Além dos valores instituídos pela moral social, e as leis formais presentes na constituição; o jornalista está como mediador da comunicação estabelecida entre os fatos e a sociedade.

Partindo da premissa de que a ética é o conjunto de valores cultivados pelo indivíduo, não seria, portanto, um conteúdo formal a ser debatido dentro da graduação em comunicação e nas demais áreas das ciências sociais.

Muitas são as razões que intersectam o jornalista à prática e ao domínio teórico da ética. Na prática, em repassar a informação da forma mais honesta e verídica possível, não sobrepondo a verdade particular à verdade dos fatos; e sim a verdade social, ou seja, a que o público leitor necessita ter conhecimento. No domínio teórico, em ter um entendimento interdisciplinar de conceitos básicos, considerando a variabilidade de informações veiculadas, e as diferentes áreas as quais pertencem.

Esse compromisso com a verdade dos fatos está desde o momento da apuração, e acompanha o jornalista até o momento da difusão da notícia; isto é, na confiabilidade das fontes e na análise dos dados utilizados; respeitando sempre a visão panorâmica da situação. Esse compromisso engloba todos os agentes do processo comunicacional, informação-jornalista-receptor.

O jornalista encontra em seu trabalho pelo menos três dificuldades específicas: toda estrutura de poder teme ser devassada e tende a resguardar as informações do que seria necessário; enquanto para advogados o compromisso é com a lei, estabelecida previamente, o do jornalista é com pessoas cujas reações não são sempre previsíveis; e o duplo comprometimento (com a fonte e o público) implica frequentes conflitos de interesse. (LAGE, 2014, p.22)

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Em tudo, dentro do universo midiático, há intencionalidade. Assim, se formam os públicos-alvo de notícias. Essa relação complexa influencia até mesmo na linguagem empregada nos textos. Isso acontece porque cada indivíduo subjetiva a informação de maneira particular; e mesmo que alguns conceitos empregados pelo jornalista sejam de entendimento comum, não garante que a informação será recebida de forma homogênea pelos leitores.

4. Análise

4.1 A Manifestação

100 anos após a sua primeira greve geral nacional, com a paralisação dos operários que deu origem a legislação trabalhista, o brasileiro protagonizou um movimento heterogêneo que levou às ruas cidadãos de diferentes realidades, mas que compactuavam com as mesmas ideias.

A convocatória foi feita pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) e demais entidades sindicais que se mobilizaram com a iniciativa. Englobando categorias de setores como transporte, bancários, educação e estudantes; a paralisação foi motivada pela insatisfação da população em relação às propostas reformistas do governo de Michel Temer, que desfavorece uma grande parcela da sociedade. Entre as reivindicações, os cidadãos questionam o aumento da idade mínima para de aposentadoria de 55 passaria para 65 anos com o tempo de contribuição de 49 anos, em regime integral previdenciário.

Os prejuízos nos setores de base, como a saúde, educação, previdência e direitos do trabalhador foram as pautas dos manifestantes que não visualizam a reforma como melhorias em relação às desigualdades sociais.

A justificativa da reforma, por parte do governo, é que elas são necessárias para resgatar o país de uma recessão causada pela crise econômica enfrentada.

“Estamos diante da tentativa de imposição de um novo modelo de Estado Brasileiro por um governo e Congresso Nacional que não tem legitimidade para isso [...] A greve se faz urgente e necessária para fazer a luta de massas e frear esta onda conservadora”, diz Beatriz Cerqueira, presidente da CUT.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Muito além de uma movimentação, a greve também foi o termômetro que mediu a instabilidade do governo frente à insatisfação da população. A difusão excessiva na mídia dos desdobramentos do processo investigativo referentes as práticas de corrupção, trouxe um impacto maior no cidadão, que passou a protagonizar as reivindicações ocupando o espaço urbano.

4.2 A agressão do estudante

A manifestação aconteceu, simultaneamente, em 25 estados e Distrito Federal, que além das paralisações nas atividades e serviços rodoviários, organizaram atos. No estado de Goiás, o ato aconteceu na capital Goiânia, em frente à Assembleia Legislativa em Goiânia, com início às 9 horas da manhã.

Entre os manifestantes, estavam professores, trabalhadores do ensino estadual e federal, estudantes e demais servidores do município. Pelas redes sociais, participantes do protesto reclamaram da postura violenta adotada pela Polícia Militar para contenção das ações que comprometiam o patrimônio público da cidade, como a depredação de agências bancárias e lojas comerciais.

O estudante Matheus Ferreira da Silva, de 33 anos de idade, foi atingido com um cassetete na cabeça pelo subtenente da 37ª Companhia Independente da Polícia Militar, Augusto Sampaio de Oliveira Neto. Na ocasião, manifestantes mascarados entraram em confronto com a polícia, e nesse momento, o estudante, que corria sem esconder o rosto, foi acertado na cabeça, causando um traumatismo cranioencefálico no aluno de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

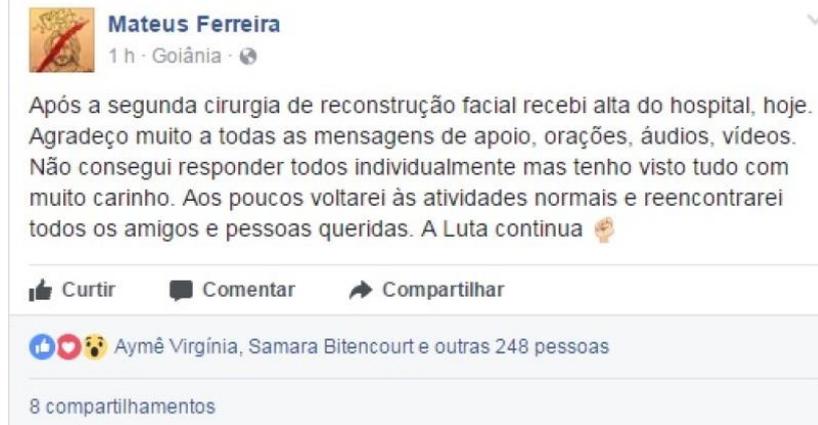
Em nota oficial, a PMGO afirmou condenar todo e qualquer tipo de agressão praticada pelos seus colaboradores no exercício da profissão, não condescende com posturas que ferem a ética, a moral e a legalidade.

Mediante a grande circulação da imagem nas redes sociais, que ilustra o momento exato da agressão com nitidez dos fatos, determinou-se a abertura de um inquérito policial com o objetivo de apurar o caso e apontar responsáveis pelo acontecimento.

Por outro lado, o estudante agredido ficou internado na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) em estado de saúde grave, durante 11 dias; onde foi submetido a cirurgias e diversos tratamentos para a sua recuperação. Após receber alta, no dia 20 de maio, Mateus usou seu perfil pessoal na rede social Facebook para se posicionar.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com



Comentário de Mateus Ferreira sobre o ocorrido.

4.3 A manipulação da imagem

Depois da agressão de Mateus Ferreira, o fato repercutiu tanto nos veículos de comunicação tradicionais quanto nas redes sociais, em alcance incomensurável. A mídia explorou a vítima como personagem de um acontecimento que deu abertura para um discurso opinativo de ambos os lados do movimento.

Os desdobramentos do fato eram associados ao histórico do estudante como forma de argumentar contra o ocorrido. O proveito da sensibilidade do leitor, em uma abordagem emotiva, aproximava não somente os que tinham afinidade com a causa, mas o cidadão comum que não assumiu nenhum dos lados na manifestação.

Dentro dos critérios de noticiabilidade adotados pelo jornalismo, a exploração de valores como a Empatia, o Impacto e o Apelo foram potencializados na divulgação dessa notícia. A citar, o título da matéria divulgada no site Yahoo! Notícias, no dia 2 de maio de 2017: **“Estudante agredido por PM trabalha desde 14 anos e cursa segunda faculdade”**.

Valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente. (Wolf p.202).

Mas a descontextualização da fotografia, percebida na maioria das publicações compartilhadas no Facebook, não se restringe apenas no discurso do usuário na rede, ela se apresenta nas raízes dessa informação. A manipulação da fotografia de Luiz da Luz,

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

antes de ser veiculada, foi um fator contribuinte para a adesão dos públicos-alvo mistos do jornalismo virtual.

Com um corte feito na lateral esquerda da imagem, o rosto do policial foi omitido, dando maior destaque ao estudante, dessa maneira que a fotografia foi veiculada em muitas plataformas digitais. Em alguns jornais, a imagem foi sequenciada, para ilustrar a agressão mais nitidamente, como no jornal online da Folha de São Paulo, no dia nove de maio. Neste caso, especificamente, a imagem também foi acompanhada do vídeo feito no momento em que Mateus é agredido.



Fotografia sequenciada ilustra momento em que o estudante foi atingido.

A matéria teve grande alcance, e compartilhamentos do link nas diversas redes sociais. As críticas se multiplicaram pelo país, onde o eco atingiu comando da Polícia Militar do estado de Goiás, que não confirmou a identidade do agressor em entrevista ao jornal goianiense O Popular.

Mas um aspecto a ser analisado é que a maioria dos grandes veículos de comunicação do país divulgou as fotos com um corte abrupto, que impedia a identificação do policial; deixando evidente a preocupação dos editores em preservar o capitão da PM Augusto Sampaio de Oliveira Neto, autor da pancada. Observa-se, também, que a imagem veiculada sem edições, inicialmente publicada em O Popular, não teve a mesma repercussão.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com



Imagem sem cortes veiculada no jornal O Popular.

4.4 A foto, o discurso e o dispositivo midiático

Segundo a genealogia foucaultiana, o discurso é entendido como um dispositivo que apresenta quatro dimensões discursivas, pela percepção de que não há homogeneidade em sua formação; são essas: **linhas de visibilidade, linhas de enunciabilidade, linhas de força e linhas de subjetivação**. Tendo uma profundidade em sua formação, agregando não somente os que os sujeitos dizem, mas as práticas a que os sujeitos fazem.

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (Foucault, 2000, p. 244).

Essas curvas de visibilidade são instituídas pelos próprios dispositivos midiáticos, nos limites entre o que é visto e não visto. Não se trata apenas dos conteúdos informativos e das imagens veiculadas, pois não se configura nas formas palpáveis. São curvas fixadas pelo próprio dispositivo para determinar o que ganhará destaque, como um critério que agenda o que terá maior comoção social.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

No dia 28 de abril, data em que aconteceu a manifestação, a agressão ao estudante Mateus Ferreira foi noticiada quatro vezes na plataforma digital do jornal O Popular, entre notas e matérias que atualizavam a população dos desdobramentos do caso. A fotografia foi utilizada em todas as publicações referentes ao caso, ora como foco da matéria, ora como complemento ilustrativo. A citar, a manchete “**Estudante agredido está na UTI**”, que foi publicada com quatro imagens do momento da agressão, onde apenas uma estava legendada.

O excesso de visibilidade dado à foto, em detrimento as outras situações que aconteceram na manifestação e no estado de Goiás, deu ao estudante o papel de protagonista de uma movimentação ideológica, que agrega à imagem significações múltiplas, diretamente relacionadas aos valores cultivados pelos manifestantes não só em nível estadual, mas em nível nacional, como símbolo de resistência.

Todo dispositivo tem aquilo que ele fala excessivamente, e aquilo que ele apaga obsessivamente. Na terceira dimensão classificada por Foucault, chamada **linhas de enunciabilidade**, o discurso configura-se entre o dito e o não dito. Onde o veículo de comunicação escolhe o que expor ou não, tornando algo muito visível ao mesmo tempo em que oculta outras questões.

Na matéria “**Estudante é internado após sofrer agressão em ato em Goiânia**”, publicada na Folha Uol, plataforma online do jornal Folha de São Paulo no dia 29 de abril, não é citado o nome responsável pela agressão, identificado apenas como “policial militar” no texto. Em contraponto, é informado o nome, sobrenome e a idade da vítima.

A omissão da informação não se limita na apresentação de dados, ela está na essência do fato que é o registro fotográfico do acontecimento, elemento de prova do ocorrido. A utilização da fotografia cortada em todas as publicações referentes ao episódio também oculta a identidade do PM. Além da manipulação da imagem, perpassa pela manipulação do discurso, assim, influenciando o receptor da mensagem.

5. Considerações finais

É perceptível a manipulação feita pela mídia, para a adequação do discurso fotográfico ao contexto sociopolítico do país. A agressão do estudante foi o estopim para que um perfil opinativo fosse adotado tanto pelos sindicalistas e apoiadores do movimento grevista; quanto pelos opositores às manifestações.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

Os veículos de comunicação, em específico, os estudados neste trabalho, também apresentaram intencionalidade no emprego da fotografia de Luiz da Luz. A Folha de São Paulo não identificou o agressor em uma de suas publicações e fez uso da foto cortada; postura diametralmente oposta ao empenho que o jornal e seus editores tiveram na exposição excessiva da imagem do estudante e demais manifestantes.

A apropriação da foto feita pela mídia alternativa e a divulgação em massa nas redes sociais deu ao acontecimento uma mobilização planetária, visto que é incalculável o alcance de uma publicação feita na rede. Por se tratar de um ativista, a ele foi atribuído valores, como representante de uma causa considerada nobre. Não obstante, alguns veículos jornalísticos, como o Yahoo! Notícias, anteriormente citado neste artigo, adotaram essa postura, com chamadas e textos que questionavam a ação do policial não por abuso de poder, mas por se tratar de um jovem estudante com histórico positivo em sociedade.

Cobrir manifestações sociais é fundamental para a manutenção do jornalismo, pois o valor-notícia é de grande importância. Todavia, a manipulação da fotografia aqui analisada dá abertura para questionamentos a respeito do exercício ético dessa profissão, que antes de tudo, assume um compromisso com a verdade dos fatos.

É evidente que, em muitos casos, o objetivo do veículo era a venda da imagem de Mateus Ferreira, que garantiu visibilidade e compartilhamentos das matérias nas demais redes sociais, concomitante aos veículos que utilizaram a fotografia original, e não tiveram a mesma repercussão.

O que se questiona foi a exploração excessiva da imagem do estudante, sendo curva de visibilidade em relação a muitos outros fatos sociais relevantes que aconteceram simultaneamente a esse. O agendamento desse acontecimento, pautado nos critérios de noticiabilidade associados a empatia e a humanidade, foi estratégico, para que os leitores mantivessem o contato mais estreito com a informação e seus responsáveis em um intervalo de tempo maior, manobrando o caráter instantâneo do jornalismo virtual.

Referências

Foucault, M. (2004b). O cuidado com a verdade. In: M. B. Motta (Ed.), **Ética, sexualidade, política** (pp. 240-251). Rio de Janeiro: Forense Universitária

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejournal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com

LAGE, Nilson. **Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas**. Ponte Grossa: 2014.

CHINALIA, Nelson. **Fotojornalismo: a manipulação visual da notícia**. São Paulo: Cásper Líbero, 2002.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a Fotografia**. São Paulo: Imprensa do Brasil, 1983.

PERSICHETTI, Simonetta. **A encruzilhada do fotojornalismo**. Londrina: 2006.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

WEINMANN, Amadeu. **Dispositivo: um solo para a subjetivação**. Rio Grande do Sul: 2006.

<https://www.youtube.com/watch?v=IpMURaG9hYc&t=1259s>

<http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/estudante-agredido-por-pm-durante-protesto-%C3%A9-transferido-da-uti-para-enfermaria-do-hugo-1.1271869>

http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/estudante-da-ufg-agredido-por-policia-recebe-alta-do-hugo-1.1273868#cxrecs_s

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/05/1882400-estudante-agredido-por-pm-com-cassetete-em-manifestacao-sai-da-uti.shtml>

<https://br.noticias.yahoo.com/estudante-agredido-por-pm-trabalha-desde-14-anos-e-cursa-segunda-faculdade-130318236.html>

¹ Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: luizanobrejornal@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UNIFAP, email: paulogiraldi2@gmail.com